



Relatório Completo

Mesa de Abertura

Realizado em 15/07/15

Salvador, BA

Relatores da Mesa de Abertura: Allan Souza Santos e Renata Lopes Amoedo

Revisado por: Monica Maia Ribeiro e Ricardo Matheus

Data: 17/10/2015

Versão: 2.0

1. INTRODUÇÃO MESA DE ABERTURA

A **Mesa de Abertura** do V Fórum da Internet no Brasil e Pré IGF Brasileiro 2015 foi realizada no dia 15 de julho de 2015 no Fiesta Convention Center em Salvador (BA).

O objetivo do encontro foi disseminar o mais amplamente possível, os princípios da governança e uso da Internet no Brasil, princípios que já foram elevados a dispositivo legal, a Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, o Marco Civil da Internet (MCI). Este ano o Fórum da Internet foi dividido em quatro linhas temáticas: Desafios da Inclusão Digital; Economia da Internet; Cibersegurança e Confiança; e, Internet e Direitos Humanos. Além das trilhas, será realizada a Terceira Conferência do ciclo de 20 anos do CGI.br intitulada Princípios para Governança e Uso da Internet, que abordará o tema da Diversidade.

Foi coordenada pelo Secretário Executivo do CGI.br, **Hartmut Glaser** e teve como convidados representando o Governo do estado da Bahia, **Manoel Gomes de Mendonça Neto** (Secretário Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação), o representante da Universidade Federal da Bahia (UFBA), **Professor Doutor João Carlos Salles Pires da Silva**, o conselheiro do CGI.br e representante do Ministério de Telecomunicações do Ministério e conselheiro do CGI.br, **Maximiliano Martinhão** e a representante da UFBA, Diretora do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, a **Professora Doutora Hildenise Ferreira Novo**.

A abertura dos trabalhos iniciou-se com um discurso do Secretário Executivo do Comitê Gestor da Internet (CGI.br) saudando a todos e a todas ao V Fórum da Internet no Brasil e Pré-IGF Brasileiro de 2015. Saudou também todos os espectadores e espectadoras que acompanhavam em transmissão online, convidando para que participem e debatam através de suas redes sociais, hiperlinkando-se através da *hashtag* #forumbr.

Terminou seu discurso inicial desejando a todos que aproveitem os três dias de fórum para ajudar a construir pontes multissetoriais em favor de uma Internet inclusiva, livre e democrática para todas e para todos. Chamou todos os convidados para compor a mesa e deu início a abertura.

Assim, o presente relatório possui a seguinte parte:

- 1) Exposições dos(as) convidados(as) da Mesa de Abertura

2. EXPOSIÇÕES DOS(AS) CONVIDADOS(AS) DA MESA DE ABERTURA

A **Mesa de Abertura** teve a fala de quatro autoridades públicas.

Representando o Governo do estado da Bahia, Secretário Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, **Manoel Gomes de Mendonça Neto**, apontou que a Internet das Coisas possibilitará conectividade de centenas de máquinas nas casas das brasileiras e dos brasileiros, mas também invasão da privacidade de hábitos e consumo, sendo preciso pensar sobre a segurança e proteção das usuárias e dos usuários de carros e aviões contra hackers, pois os sistemas estão cada vez mais complexos e dinâmicos. Saliu que mesmo sendo um desafio político a inclusão digital na Bahia, devido a infraestrutura de Internet ser territorialmente desigual, do ponto de vista institucional, existem algumas prioridades para a inclusão digital de todos os cidadãos e cidadãs. Assim, a prioridade no estado da Bahia é para escolas, unidades de saúde e segurança públicas.

O representante da Universidade Federal da Bahia (UFBA), **Professor Doutor João Carlos Salles Pires da Silva**, disse que a constituição do espaço público nos remete à Ágora Grega e que a Internet é como um espaço inclusivo que escapa a todos os controles, por isso, um desafio da constituição desse espaço público. Com isso, temos atualmente a necessidade de refletir sobre procedimentos de controle na Internet com o objetivo de evitar discriminações, assédios, invasões e autoritarismo.

O conselheiro do CGI.br, **Maximiliano Martinhão**, representante do Ministério de Telecomunicações, apontou que a estrutura *multistakeholder* do CGI.br foi viabilizadora do princípio do futuro da rede discutido no NETmundial. Destacou a preocupação do CGI.br em descentralizar a discussão para fora do Eixo Rio-São Paulo, assim como a necessidade do acesso de todas e todos os brasileiros à Internet banda larga. Relembrou que desde a década de 1980, e com a privatização, o Brasil perdeu capacidade de operacionalizar e gerir satélites. Só voltou com a Embraer recentemente e comemorou o avanço no desafio de melhoria da infraestrutura com a reativação da Telebrás, enfatizando que o Brasil está retomando sua capacidade de gerar infraestrutura, que havia sido perdida desde a privatização das telecomunicações. Como exemplos dessa capacidade, a criação da rede da Telebrás, o novo satélite geoestacionário brasileiro e o novo cabo submarino Brasil-Europa.

A diretora do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, representante da UFBA, **Professora Doutora Hildenise Ferreira Novo**, abordou a temática da governança descentralizada da rede e sua multissetorialidade. Disse acreditar que as discussões tenham atualmente o cerne no desenvolvimento humano, inclusão social e digital e segurança na rede, sendo importante aprofundar-se sobre os novos papéis e valores da informação na rede, conhecendo o perfil das usuárias e dos usuários de Internet para intermediar a relação entre informação e o desenvolvimento de protagonismo social, por meio de abordagens multidimensionais para o desenvolvimento da inclusão na Internet e valorização da diversidade cultural do país.

A) Exposição Professor Doutor João Carlos Salles Pires da Silva

O professor doutor João Carlos Salles Pires da Silva, reitor da UFBA, iniciou sua fala dizendo que foi uma satisfação estar no Fórum e pediu desculpas por precisar se retirar do evento mais cedo por conta de outros compromissos ainda naquele dia. Apontou não poder deixar de estar presente no Fórum e fazer ponderações rápidas a respeito do trabalho desenvolvido na Bahia e das discussões que iriam ocorrer ao longo dos três dias de evento. Disse estar tranquilo ao ver a presença de vários colegas, técnicos e alunos que possuem papel destacado na gestão de tecnologia da informação na UFBA e de que sua instituição seria muito bem representada. Cumprimentou especialmente Luiz Cláudio, superintendente de tecnologia da informação da UFBA.

João Carlos pediu a plateia que relembresse da cerimônia recente na Casa Branca, na qual o Presidente dos Estados Unidos da América (EUA) foi interrompido por alguém que fazia algum protesto e, retrucando, o presidente disse: "Veja, você está na minha casa, vem aqui comer os meus canapés e ainda por cima pretende interromper minha palavra?". Esse pequeno vídeo viralizou na Internet e disse confiar que todos os presentes tenham visto. Para o professor, essa pequena situação mostra um modelo curioso, pois há o desenho de duas perguntas fundamentais, que todos aqueles que discutem a respeito da constituição do espaço público devem se fazer, e fazem desde a Grécia Antiga. Questionou a plateia com a primeira pergunta: "*Quem tem direito de estar no espaço público?*".

O reitor lembra que os gregos que responderam a essa pergunta "democraticamente", com a exclusão de estrangeiros, escravos de guerra, mulheres. Essa era a resposta democrática dos gregos na época. A segunda pergunta foi "*O que é lícito fazer neste espaço?*". Ele explicou que o espaço democrático grego, visava separar o uso de argumentos lícitos dos argumentos não-lícitos, o uso de expedientes retóricos, da palavra, tendo preeminência sobre outras formas de poder. Exemplificou que ameaças, como as guerras iminentes, não poderiam corromper o espaço público, e ao mesmo tempo, havia uma situação curiosa, aquilo que caracterizava a independência e a individualidade do povo grego: uma indistinção completa entre vontade coletiva e liberdade individual.

Para João, é curioso apontar que "o que um grego considerava ser livre" era poder participar do espaço de discussão, poder opinar, mas ao mesmo tempo isso implicava uma invasão completa da sua privacidade, assim como praticar sua própria liberdade religiosa. Isso foi ilustrado por Sócrates, condenado à morte por ingestão de veneno cicuta. O seu crime foi não respeitar os deuses da cidade e corromper a juventude. Questionou a plateia, o que significa espaço público? Explicou que aquele momento de construção de espaço, aquele modelo de liberdade, mudou completamente com a modernidade. Nós sabemos que a modernidade não deixa de introduzir a ideia da liberdade individual, o direito privado como condição de acesso ao espaço público.

O reitor deixou uma reflexão para os presentes, sobre o momento atual, o desafio de constituição do espaço público, o desafio da inclusão no espaço público. Ao mesmo tempo em que se faz a inclusão, como proteger e encontrar a medida entre o que é espaço privado e coletivo. Questionou o significado de "vontade coletiva" e o que de fato

seria a vontade coletiva. Questionou também se é possível saber se ela tem direção e qual a direção que atualmente ela toma. E exemplificou que a constituição de algo, em certa medida, não é como a entrada dos gregos na Ágora, pois naquele momento havia elementos de controle na constituição do espaço público.

Para o professor, o tempo em que estamos vivendo é extraordinário, pois há inserção no espaço público, a participação no espaço e a possibilidade de estar no espaço não deve conter com o presidente dos EUA dizendo "você está na minha casa, aqui você não vai poder fazer isso". Mas, certamente o fato de que não se pode interromper a palavra de alguém em um espaço como a Internet, não quer dizer que ela não pode refletir sobre procedimentos de controle para que discriminações, assédios, invasões e todas as formas de autoritarismo não sejam transpostas de forma sutil ou não sutil, para que esse espaço admirável que escapa a todos os controles não se torne a certeza de um inferno.

Finalizou destacando que essa certamente não é uma promessa de paraíso, até porque paraíso não existe, mas que também não seja uma promessa de inferno no espaço público. Agradeceu e desejou a todas e a todos um bom Fórum, com bons resultados ao longo dos três dias.

Professor Hartmut Glaser passou a palavra para a professora doutora Hildenise Ferreira Novo, diretora do instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

B) Exposição Professora Doutora Hildenise Ferreira Novo

A professora doutora Hildenise Ferreira Novo iniciou sua fala agradecendo o convite feito pelo CGI.br para participar da mesa, dizendo ser um grande prazer estar junto do Secretário Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação da Bahia, reitor da UFBA. Ela destacou que são muitos e frequentes os incentivos de toda a natureza e de múltiplas origens para que se aprofundem as discussões envolvendo os novos papéis e valores da informação na rede e dos profissionais que a ela se dedicam numa era de compartilhamento e cooperação, e que se alargam com a evolução dos processos de comunicação que transformam os cenários de ensino, pesquisa e da inovação social e tecnológica.

Tendo em vista que a natureza de governança na rede mundial é descentralizada e multissetorial, Hildenise apontou vir falar em um lugar que lhe convém, da ciência da informação. Ela disse à audiência que alcançou um cenário de mudança significativa nos últimos anos, no que tange os estudos sobre a natureza das transformações que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ocasionam na sociedade. Para ela, a partir de um enfoque inicialmente tecnológico e econômico, as discussões sobre práticas interacionais em rede passaram a ter como cerne o desenvolvimento humano, a inclusão social e digital e a segurança na rede. Com isso, disse acreditar que somar é multiplicar, no sentido dos estudos desses enfoques. Assim, presenciáramos uma maneira peculiar de interagir com os interlocutores sociais e entendê-los enquanto protagonistas passou a ser o principal objetivo.

Hildenise disse acreditar que o tema do V Fórum da Internet no Brasil não poderia ser mais oportuno para o momento atual de mudanças que marcam um novo *modus operandi* de práticas sociais e econômicas em todo o mundo, onde estão sendo e serão sempre registradas, organizadas e disseminadas, informações que circulam e circularão na rede.

A doutora exemplificou que em pesquisa realizada em 2014 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, publicada no início desse ano, sobre o meio de comunicação que os brasileiros mais utilizam, a Internet foi apontada por 42% da amostra, ficando em terceiro lugar, perdendo apenas para TV e rádio. Ela destacou que apesar da crescente importância da Internet no cenário dos meios de comunicação, o percentual de entrevistados que ainda não utilizam a Internet no país é alto. Dentre aqueles que utilizam a Internet, 76% acessam-na diariamente, em uma exposição média diária de cinco horas, de segunda a sexta-feira, e de quatro horas nos finais de semana. Os internautas estão em busca de informações, sejam elas notícias, entretenimento ou uma forma de aproveitar o tempo livre e, acima de tudo, para estudo e aprendizagem.

A professora informou a plateia dados mostrando que jovens de 18 a 25 anos de idade são 65% da amostra, algo que ela chama de “Geração Z”. Entre os maiores de 65 anos, esse percentual cai para 4%. Entre as redes sociais e os aplicativos de trocas de mensagem, os dados da pesquisa apontam desde o Facebook, em primeiro lugar, ao Twitter, popular entre as elites políticas e formadores de opinião, que foi mencionado apenas por 5% dos ouvidos. Para Hildenise, isso evidencia a importância de conhecer o perfil, intermediar a relação entre informação e desenvolvimento do protagonismo social, considerando em especial as atividades de processos, produtos e instrumentos, práticas gestoras e ações mediadoras do acesso a informação, para que possamos valorizar o crescimento e a consolidação da conduta protagonista dessas cidadãs e cidadãos. Nessa tarefa a professora incluiu os profissionais de ciência da informação e tecnologia da informação.

Hildenise pontuou que o desafio da Internet atualmente é conhecer os usuários da rede e suas expressões. Ela explicou que a produção de seus conteúdos são multirreferenciais e, portanto, precisam de abordagens multidimensionais para lançar luz aos processos interacionais vivenciados nos ambientes da rede. Para a professora, este é o caminho para que se possa pensar e realizar ações para valorização da diversidade cultural deste país. Ampliar o acesso a informação, ao conhecimento, valorizando o sociocultural e seu desenvolvimento, que é inesgotável. Além disso, para ela, não se pode deixar a margem o desenho do mapa de governança global da Internet, e a necessidade de entender o perfil socioeconômico dos usuários, o perfil de acesso, inclusão e desenvolvimento social.

Finalizou destacando a importância da multissetorialidade na discussão de princípios e propostas para o futuro dessa governança e parabenizou o CGI.br pela escolha temática, desejando um bom trabalho a todos nos três dias de Fórum.

Professor Hartmut Glaser passou a palavra para o Secretário Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação da Bahia, Manoel Gomes de Mendonça Neto, representando o Governador baiano, Rui Costa, que estava em reunião em Teresina, Piauí, com os outros Governadores dos Estados do Nordeste brasileiro.

C) Exposição Manoel Gomes de Mendonça Neto

Manoel Gomes de Mendonça Neto iniciou sua fala agradecendo pela presença de todas e todos na plateia. Explicou que Rui Costa, o governador da Bahia, não pode estar presente pois estava em um encontro de governadores da região Nordeste brasileira em Teresina. Destacou que, inclusive, o evento no Piauí tinha a banda larga como um dos temas a ser tratado na reunião de ciência e tecnologia. Disse que o governador enviou abraços a todos e lamentou sua ausência no Fórum da Internet em Salvador.

O Secretário destacou que naquele dia estaria usando dois chapéus: além de secretário, um outro na condição de Tecnologia, pois possui a tecnologia da informação como formação na graduação, tendo grande afinidade com o tema do Fórum. Saudou a mesa presente com Professor Hartmut Glaser, Professor Doutor João Carlos, e a Professora Doutora Hildenise Ferreira, e avisou ao Secretário de Telecomunicações do Governo Federal, Maximiliano Martinhão de que está em sua agenda visitá-lo em Brasília, pois a Bahia possui interesse na banda larga e na inclusão digital. Terminou saudando os colegas da UFBA e toda a comunidade representada por empresários, setor acadêmico e a sociedade civil.

Mendonça Neto concluiu que o Fórum é um bem plural, pois a Internet é plural. Acredita ser interessante a sequência de discursos que cada um dos convidados da mesa aborda, tendo o tema do Fórum sob diferentes perspectivas. Observou que o reitor é filósofo e sua perspectiva de como a Internet é diversa, tem diferentes pontos de vista e afeta a democracia e participação. A Professora Hildenise, da área de tecnologia da informação, discursou sobre o uso humano e o secretário prometeu falar dos aspectos técnicos da Tecnologia da Informação, vestindo seu chapéu de cientista da computação, falaria de outros usos que estão afetando a Internet e possuem grande impacto.

Disse acreditar que todos sabem que está se aproximando a Internet das Coisas, e em breve haverá um cenário onde todos os aparelhos e máquinas dentro das casas das pessoas terão um IP (Internet Protocol Address - Endereço de Protocolo de Internet) fixo e com conectividade a Internet, tendo casas com dezenas de *devices* (aparelhos) conectados. Para ele, isso traz grandes questões, do ponto de vista da gestão da Internet e privacidade é uma delas. Explicou que se sua geladeira está na Internet, e ela está conversando com o supermercado, teoricamente, vai se poder saber quantas cervejas você está bebendo por semana. Destacou que o Secretário do Ministério das Telecomunicações (MiniCom) sabe do que estava falando, pois outro dia deram uma ótima definição, dizendo que ser Secretário é o mesmo que praticar esporte radical.

O secretário disse acreditar que outra tendência a caminho é a gestão de sistemas dos sistemas. Há cada vez mais sistemas de maior complexidades, interligando, falando e

operando com outros sistemas cada vez mais complexos entre si. Explicou que do ponto de vista de negócio, isso tem um impacto enorme, pois não se sabe quem é dono de cada sistema. Quando liga-se um *smartphone* (celular inteligente) em um carro, claramente há uma disputa sobre qual tecnologia irá dominar a área: se será a indústria de *smartphones*, se é o Google, ou se a indústria do carro, exemplificando a montadora Ford.

Deste modo, Manoel alertou que isso possui implicações do ponto de vista de negócios, mas também implicações do ponto de vista de gestão de Internet, com dois mundos colidindo. Alertou que quando se fala de carro, se pensa em *safety* (segurança), evitando falhas dos automóveis ou problemas de freio. Quando se fala de Internet, se pensa em *security*, proteção contra hackers invadirem o sistema. Sugeriu que se misturar as duas coisas há uma colisão bem desafiadora, com casos de pessoas que hackearem carros e até aviões, e em um mundo interconectado traz desafios interessantes, uma vez que não há pesquisa nessa área. Apontou que essa é uma área aberta em termos de pesquisa, não há soluções para ela. E um fórum desse tipo, cabe também discutir como esses mundos podem operar conjuntamente.

Para o secretário, outro ponto, com maior nível de abstração, são os grandes ciclos de desenvolvimento da humanidade. Lembrou de uma palestra que assistiu sobre a humanidade ter saído da Era Industrial e entrado na Era da Informação. Com isso, o palestrante que o secretário tinha assistido indicava que em breve a humanidade sairá da Era da Informação, de dominação das Tecnologias da Informação e Comunicação, para a entrada na era da sustentabilidade, que é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea. Disso refletiu que atualmente uma das grandes discussões existentes trata de como a gestão da rede mundial de computadores se encaixa nesse contexto. Exemplificou o monitoramento de florestas e de recursos hídricos, e como é desafiador este monitoramento e como ele poderá ser utilizado para o bem geral. É uma discussão que está em um nível mais alto, acredita até que além do que será discutido nesse fórum, mas disse acreditar ser importante mencionar isso.

Tirando o chapéu de acadêmico, e colocando o de político, o convidado apontou que um de seus maiores desafios enquanto Secretário de Ciência e Tecnologia no Estado é trabalhar para garantir a inclusão digital para o maior número de pessoas possível na Bahia. Revelou que no caso de seu Estado, é um problema especialmente marcante, pois a Bahia possui uma infraestrutura de banda larga extremamente desigual. Descreveu o desenho atual do mapa dos grandes *backbones* (rede dielétrica ou subterrânea em fibra ótica), elas descem sentido Norte-Sul, pelo litoral. Em alguns lugares há ramificações para alcançar Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, passando próximo da região de Vitória da Conquista.

Contudo, o secretário lembrou da região central do estado baiano, uma área enorme, atualmente sem conexão por fibra ótica. Destacou que a Bahia tem o tamanho do território francês. Apesar do centro do estado não possuir infraestrutura, revelou que a região Oeste do estado, desenvolvida economicamente devido a produção de grãos, está sendo alcançada pela infraestrutura de *backbones* de Brasília (DF). Para Manoel, isso demonstra a existência de um vácuo, e traz todo o esforço do próprio MiniCom, por meio do Projeto de Cidades Digitais.

Atualmente o secretário disse estar trabalhando com o mapeamento do que está acontecendo, tentando colocar esforços na última milha (relação usuário-provedor) e criação de *backhouse*. Contudo, refletiu que ainda persiste o problema de interligação e, quando se fala em Inclusão Digital, se pensa em inclusão de todas as cidadãs e todos os cidadãos. Porém, do ponto de vista institucional e de governo existem prioridades, e as prioridades do estado da Bahia são as escolas públicas, municipais e estaduais, com o objetivo de dar oportunidade a todos os jovens entrarem nesse mundo conectado. Ressaltou que o planejamento nessa linha cabe junto ao MiniCom e de que seria algo muito benéfico, uma vez que a Bahia é um estado muito pobre. Questionou à plateia se sabiam que o estado tem a 4ª maior população do país, é o oitavo no PIB nacional, apesar de ocupar o 23º lugar no PIB *per capita*. No Nordeste, só ganha dos estados do Piauí (PI) e do Maranhão (MA), ficando em dúvida sobre o estado de Alagoas (AL).

Destacando a grande relevância física e populacional da Bahia, Manoel apontou o estado baiano como muito pobre *per capita* e com uma inclusão digital limitada. Como o governador Rui Costa, tem se empenhado na educação, então ele acha que um desenho para que se consiga levar a banda larga à todas as escolas é um desafio muito interessante. Revelou que em outro dia, conversando com a Fundação Lemann, eles disseram: “se for ofertada uma velocidade de 10 Mega Bytes (MB) de Internet nas escolas, somos capazes de trabalhar nesses locais com as ferramentas digitais que utilizamos”. Explicou ser “macaco velho” da área de computação e sabe que as ferramentas vão pedir cada vez mais infraestrutura de rede, portanto, 10 MB é para resolver o problema atualmente. Para resolver o problema com um mínimo de horizonte, é necessário colocar 100 MB, ou estrutura de fibra ótica em toda a escola.

Destacou que em segundo lugar, todas as unidades de saúde devem ter acesso à Internet. Por terceiro, todas as unidades de segurança, sendo possível a criação de parcerias com operadores de telecomunicação, a qual do ponto de vista governamental não é considerado transparente. Apontou a falta de transparência na relação de defesa entre as operadoras de telecomunicação. Questionou a plateia perguntando onde estão os *backbones* e para qual motivo estão sendo utilizados.

Disse ter ficado surpreso com os pequenos provedores, visitando algumas pequenas cidades no estado da Bahia, onde há casos distintos. Algumas com infraestrutura ainda ruim, mas algumas outras cidades onde pequenos provedores colocaram fibra ótica na porta das casas, escolas e em hospitais. Portanto, os grandes desafios são os grandes *backbones*. Existem casos de obras de estradas nas quais escavadeiras destroem fibras óticas que não estão nem listadas e nem se conhecem oficialmente os donos, instaladas todas escondidas. Para ele, todas essas são discussões que cabem em um fórum desse tipo.

Concluiu sua fala dizendo acreditar que o Fórum da Internet tem muito a contribuir para o estado e ao país. Lamentou poder ficar pouco tempo presente, pois tem de ir também à Teresina (PI) para participar da reunião com os demais secretários. Finalizou agradecendo e desejando um bom trabalho a todas e todos do fórum.

Professor Hartmut Glaser passou a palavra para o próximo convidado, Maximiliano Martinhão, secretário de telecomunicações do Ministério das Comunicações.

D) Exposição Maximiliano Martinhão

Maximiliano Martinhão iniciou sua fala cumprimentando aos colegas da mesa, Professora Doutora Hildenise, Secretário Estadual Manoel, Professor Hartmut Glaser e o reitor da UFBA, Professor Doutor João Carlos Sales. Disse que deixaria uma mensagem rápida, pois acredita que todos os outros painelistas já disseram a maioria das coisas que se poderia dizer sobre a temática do Fórum, deixando para a plateia alguns pontos para reflexão nos próximos dias.

Primeiramente, Maximiliano lembrou que há 20 anos atrás o governo brasileiro tomou uma decisão de criar um fórum de organização e desenvolvimento da Internet, um fórum multissetorial, que atualmente se chama CGI.br. Apontou que os presentes estavam participando de uma discussão direta com o CGI.br, e estariam fazendo parte da história, pois tudo o que iriam ver nos próximos dias, deveriam incorporar e levar para as atividades diárias. Disse acreditar que o CGI.br oferta essa contribuição ao país, existindo inúmeras atividades do CGI.br para serem enaltecidas.

Martinhão explicou que a estrutura multissetorial permitiu ao Brasil, logo após o escândalo de espionagem internacional, convocar uma reunião mundial chamada NETmundial, primeira reunião internacional tratando de governança da Internet por meio do governo federal e da contribuição do CGI.br. A NETmundial teve como resultado um documento tratando de princípios e de horizontes para o futuro da rede, em que todos os participantes concordaram com o seu conteúdo. Esse consenso só foi possível graças ao CGI.br exercendo esse conceito de multissetorialismo com a participação dos governos e com as atividades de discussão, conceito este construído ao longo dos 20 anos de sua existência.

Enalteceu que o público presente faz história, existindo a preocupação da descentralização apontada pela mesa, explicando que um Fórum em São Paulo seria muito fácil, enchendo um auditório com mais de três mil pessoas para falar do tema. Além de São Paulo, o Fórum já foi feito em Olinda, Pernambuco, em Belém no Pará e agora Salvador na Bahia. O objetivo é trazer esse debate para próximo daqueles que usam, buscando contribuir para o desenvolvimento da Internet, sendo este ano em especial mais importante, por conta do IGF (*Internet Governance Forum*, Fórum de Governança da Internet) a ser realizado no Brasil em João Pessoa na Paraíba no final do ano.

Maximiliano destacou que o Brasil será o primeiro país a sediar dois IGF, respaldando o histórico do CGI.br já mencionado por ele e de toda a importância que o Brasil conquistou durante as discussões envolvendo a governança da Internet. Também destacou o trabalho dos participantes do Fórum, vendo com naturalidade as questões a serem resolvidas, problemas a serem debatidos, com órgãos de governos, sejam eles municipais, estaduais ou federal. Disse acreditar ser importante que essas questões surjam, pois só assim haverá a oportunidade de debruçar-se sobre elas e buscar

soluções.

O convidado detalhou que iniciou seu trabalho em 2010 no MiniCom com a implementação do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL). Agora, mais recentemente tem trabalhado em uma segunda fase que ele chama de “Banda Larga Para Todos”. Explicou que houve grandes marcos que conseguiram implementar, partindo em 2010 com algo em torno de 30 milhões de acessos à Internet, fixos e móveis, para as estatísticas atuais de 200 milhões de acessos. Destacou que se conseguiu massificar a Internet, tendo como objetivo atual universalizar o acesso nas camadas que mais necessitam, melhorando a infraestrutura, que é o objetivo do Programa Banda Larga para Todos.

Ele chamou a atenção de um fato curioso: a última vez que o Brasil lançou um satélite, foi na década de 1980. Desde então, com a fase de privatização, toda a gestão de satélites no país foi delegada a empresas privadas. Explicou que essas empresas, de forma geral, não são empresas nacionais, possuem um certo capital nacional, mas não são empresas brasileiras. Apontou que se perdeu a capacidade de integrar e operacionalizar satélites no país, mas com o PNBL, a Telebrás (Telecomunicações Brasileiras S.A.) e junto com a Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica), foi possível criar uma nova empresa chamada Visiona, que está construindo um novo satélite nacional com lançamento previsto no segundo semestre de 2016. Isso tudo foi alcançado a partir de um programa que surgiu em 2010, de baixo para cima, toda a comunidade participou da elaboração desse programa, todas as críticas e questões foram levantadas, o que ajudou em sua construção.

Ele anunciou que recentemente foi fechado um outro trabalho sobre a construção de um cabo submarino entre o Brasil e Europa, com outro tipo de tecnologia que o Brasil não detinha. Avaliou que está acontecendo grandes avanços em termos de infraestrutura, como a reativação da Telebrás com o objetivo desafiante de melhorar a infraestrutura e aproximar as pessoas que não tem acesso à Internet ainda. Analisou que o objetivo desafiador que vê adiante, de melhorar a infraestrutura, existe no projeto nacional do PNBL para todos, como meta de implementar velocidade média de 25 MB no país. Explicou que essa meta só será possível se for feita a implementação de infraestrutura de fibra ótica. Notou que enquanto estava discursando, muitas pessoas estavam utilizando *smartphones*. Salientou que o acesso a *smartphones* é atualmente uma realidade para a população brasileira, ajudando as pessoas a terem acesso à Internet, contudo, avaliou que se pensar em termo de conexão para suportar todo esse potencial da Internet, não se deve pensar em infraestrutura de comunicação sem fio, e sim aproximar a fibra ótica das pessoas.

Maximiliano destacou que no aspecto de infraestrutura de fibra ótica, o país ainda é carente. É preciso dinamizar a infraestrutura de fibra ótica, que chega a menos de 50% dos municípios brasileiros e atinge menos de 10% dos domicílios brasileiros. Apontou que para o Brasil sair das atuais colocações nos *rankings* de velocidade de conectividade na Internet mundial é preciso mudar esta realidade.

Concluindo, Martinhão destacou lembrando de que o MiniCom sempre apoiou esse evento, além de participar, como a equipe da Secretaria de Inclusão Digital, que abordou uma série de outras discussões no período da tarde daquele dia de Fórum, 15 de Julho de 2015. Lamentou não poder ficar no evento pois iria a Manaus, Amazonas, inaugurar o primeiro trecho de um programa chamado “Amazônia Conectada”, um projeto que está implantando infraestrutura de fibra ótica no leito dos rios da bacia do Rio Amazonas, para chegar até as localidades onde a fibra ótica não poderia chegar de outro jeito.

Relembrou de que durante uma manhã em Brasília, durante o café com algum funcionário do governo, quando chegou ao MiniCom, em 2010, olhava a região Norte e tinha em mente que a única solução de levar fibra ótica e Internet às pessoas era através do rio. Como resposta revelou ouvir que esta ideia não daria certo, pois os leitos dos rios passavam muitos troncos de árvore e que o projeto não funcionaria porque os cabos iriam se romper. Conversando então com um amigo próximo da região Norte, questionou: “Será que não daria mesmo para fazer isso?”. Maximiliano ouviu de seu amigo que existia um cabo telegráfico que ligava Manaus a Belém, por meio do rio, e durou até a década de 1960.

Descreveu a todas e todos presentes que estava ali a solução, pois se na década de 1960 isso já era viável, por qual motivo hoje não conseguiriam. Contou que depois de muitos esforços, envolvendo a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), MiniCom e empresas privadas, iriam finalmente inaugurar o primeiro trecho do cabo, avaliando que realmente fará uma grande diferença para a região, sendo mais de 7.000 km de fibra ótica depositados no fundo do rio Amazonas.

Desejou a todas e todos os presentes um evento com discussões proveitosas e que possam conversar ao longo do dia. Finalizou desejando sucesso a todas e todos nos trabalhos dos próximos dias de Fórum.

E) Exposição Final Professor Hartmut Glaser

Fechando a apresentação da Mesa de Abertura, o Professor Hartmut Glaser agradeceu as palavras de Maximiliano Martinhão, enaltecendo o pioneirismo do projeto de cabos no leito do rio Amazonas. Parabenizou o Brasil mais uma vez pela liderança de iniciativas inovadoras no uso da Internet. Parabenizou também a todas as envolvidas e todos os envolvidos, liderando novas TIC, resolvendo desafios de forma sustentável com soluções inovadoras.

O Professor iniciou então a apresentação do CGI.br, pois alguns ainda não conheciam toda a estrutura da organização. Relembrou da celebração dos 20 anos de atividade e explicou que o CGI.br não é um órgão do governo, e sim multissetorial. A organização tem o governo sentado à mesa junto com os demais setores, hoje composto por 21 conselheiros, sendo nove indicados por diversos órgãos do Governo Federal. Exemplificou que há um representante do Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação (CONSECTI), representando os estados e os outros oito representando outros órgãos do governo Federal. Os outros 12 representantes

são quatro oriundos do terceiro setor, mais quatro representantes do setor empresarial e quatro do setor da academia, dos quais três são eleitos e um indicado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), portanto doze representantes fora do governo. Esses vinte e um dirigem, de certa forma, a camada número dois da Internet no Brasil para cima.

Todos os domínios que terminem em “.br” são registrados no braço executivo do CGI.br, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), como o Professor comentou, é a Junta Comercial dos nomes na Internet, órgão no qual você registra o nome da sua empresa com o sufixo “.br”. Apontou que as atuais estatísticas brasileiras mostram que existem 3,7 milhões de domínios, ficando em dúvida entre a posição 6^a ou 7^a, entre os *country codes* (países que utilizam código de registro). Além disso, o Brasil possui a liderança política na área e está presente nos movimentos internacionais que discutem a governança na Internet.

Para Hartmut a palavra governança é perigosa, pois quando dizemos “governança” rapidamente se pensa em governo. Ele explicou que o governo não é só governo eleito, político, que dirige um país, mas também é a administração geral da Internet, é a governança como um todo feita por todos os setores da sociedade brasileira presentes aqui nesse fórum. Emendou que nesse sentido estão organizando o V Fórum da Internet em Salvador, onde há representação de todos os órgãos da sociedade brasileira. O objetivo é ouvir, discutir, anotar todas as discussões a serem realizadas. Destacou o trabalho da equipe de relatores cuidando de todos os detalhes, com todas as reuniões e trilhas sendo registradas. Ao final do evento haverá um relatório sintético apresentado na Plenária Final e após o Fórum será publicado um relatório completo de todas as falas dos participantes e plenaristas. Glaser disse querer receber contribuições *bottom-up* (de baixo para cima), por isso a responsabilidade com todos os participantes do evento, responsabilidade essa assumida via decreto presidencial.

Hartmut apontou ter dito sobre os domínios de registro, mas também lembrou que há outro departamento importante, responsável por produzir materiais importantes, informativos sobre segurança e cuidados a serem tomados na Internet. Outro departamento que trata dos projetos da organização. Avaliou que uma parceria de grande sucesso no Brasil com outros órgãos de governo são os pontos de troca de tráfego (PTT). Isso pois antigamente todos os provedores brasileiros, em especial as teleoperadoras, compravam seus *links* internacionais e seus únicos pontos de contato eram fora do país. A partir disso, começaram a fomentar o PTT. Atualmente existem PPTs em 25 cidades e Salvador é uma delas, onde os provedores regionais trocam informações, barateando o link.

Há também um departamento de estatísticas, pois é importante haver mensuração de resultados dos impactos do uso da Internet, sejam eles nas escolas, domicílios, nas ONG's ou nas empresas, concluiu Hartmut. Segundo o coordenador da mesa de abertura, há aproximadamente 100 milhões de pessoas com acesso à Internet no Brasil, o que não significa que todos eles têm acesso à Internet em suas casas, visto que muitos usam a Internet somente no trabalho, ou até mesmo na escola. Disse saber que muitas escolas não possuem acesso. Avaliou que há um Brasil excluído, e existe o objetivo de incluir estes excluídos, por isso se mensura o impacto da Internet nos vários setores através de

estatísticas realizadas por amostragens, destacando que não é um censo completo, mas auxilia o governo a definir suas políticas públicas.

Glaser também lembrou de que há um outro departamento do NIC.br que trabalha com protocolos de acesso à Internet, principalmente verificando a acessibilidade. Confessou que um número que lhe assustou na primeira vez que viu foi o de 40 milhões de brasileiras e brasileiros - 20% da sua população - com alguma limitação de acesso. Explicou que estas pessoas ou não enxergam, ou não ouvem, ou possuem deficiências físicas ou algum problema ao serem incluídos. Deste modo, concluiu que é preciso prover acessibilidade e inclusão digital também para essas brasileiras e brasileiros por todo o país, que de alguma forma estão excluídos. Apontou que existe hoje uma série de aplicativos que estão sendo desenvolvidos, em geral por Universidades. Destacou que o CGI.br possui um concurso anual para fomentar os melhores trabalhos na área, sendo uma forma do CGI.br contribuir para melhorar este cenário atual. Reforçou a mensagem de que o objetivo do Fórum é ser uma semente, onde se possa receber novas ideias e soluções que o Brasil precise.

Terminando sua fala, Hartmut saudou os conselheiros e demais convidados presentes. Anunciou Maximiliano Martinhão, representando o Ministério das Telecomunicações. Identificou na plateia o conselheiro Henrique Faulhaber, representante do setor empresarial, Professor Flávio Rech Wagner, representante do setor acadêmico e também o Carlos Afonso do terceiro setor, Nivaldo Cleto do setor empresarial, Percival Henriques e Flavia Lefèvre do terceiro setor. Pediu para que ficassem de pé os eleitos presentes. Os conselheiros foram saudados com palmas.

Pediu destaque especial, por conta do pré-IGF e do próximo IGF (*Internet Governance Forum* - Fórum da Governança da Internet), estar presente no Fórum o Secretário de Transparência de João Pessoa, Éder Dantas, representando o município e, por extensão, todo o estado da Paraíba. Explicou que o IGF é um evento da ONU (Organização das Nações Unidas), convênio assinado com o governo brasileiro no qual o CGI.br recebeu a incumbência de realizar toda a logística, mas quem está convidando é o estado da Paraíba. Divulgou que estarão lá entre os dias 9 a 14 de novembro. Finalizou saudando a todos e desejou um bom trabalho ao longo do V Fórum da Internet.